

## ASPECTOS IDENTITÁRIOS DAS PRIMEIRAS TURMAS DE ALUNOS DO CAMPUS DA UECE DE TAUÁ

João Alcimo Viana Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), integrante da Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi fundado em 1995 no âmbito da política de expansão da interiorização universitária. Esta pesquisa teve como objetivo central a análise da constituição e do perfil das primeiras turmas de estudantes do referido *Campus*. Metodologicamente, recorreu-se a uma abordagem qualitativa, por meio da associação entre três tipos de pesquisa: bibliográfica, documental e de campo (levantamento). Em torno deste, optou-se, preferencialmente, à entrevista como técnica de interrogação, tendo como sujeitos os discentes que compuseram as turmas inaugurais dos primeiros cursos implantados: Ciências e Pedagogia. Quanto ao referencial teórico, a pesquisa recorreu a diversos autores, como: Petrola (1993), Cartibani (2003), Lima (2003); Zabalza (2004), Silva (2011) e Araújo e Lima (2005). Em termos de resultados, verificou-se que os primeiros alunos do *Campus* da UECE de Tauá, em face da demanda reprimida na microrregião por cursos universitários, eram detentores de uma média de idade (26,4 anos), bastante superior às turmas das gerações futuras que ingressaram nesta IES (18,8 em 2019). Além disso, outros aspectos compuseram o seu perfil, como as questões gênero na definição da escolha dos cursos (predominância de 100% de matrícula feminina em Pedagogia e presença majoritariamente masculina em Ciências), a taxa de aprovação nas disciplinas (57,7% dos que ingressaram em 1995.1 concluíram seus cursos em quatro anos) e o fato de que mais de um terço dos discentes já atuavam à época no magistério.

**Palavras-chave:** UECE; CECITEC; perfil universitário; primeiros alunos; interiorização universitária.

### INTRODUÇÃO

O Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), integrante da Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi fundado em 1995 durante a gestão do reitor Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola), no âmbito da política de expansão da interiorização universitária.

Para tanto, houve um conjunto de atividades preliminares, que se revelaram relevantes e/ou necessárias para efetivação da implantação do *Campus*: a realização do seminário “Os Inhamuns no desenvolvimento do Ceará”, em novembro de 1993; a obtenção de sede própria, em Tauá, em abril de 1994; o lançamento oficial do Centro, em setembro de 1994; a criação dos cursos de Ciências e Pedagogia, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em outubro de 1994; a realização de curso pré-vestibular, de outubro a dezembro de 1994; a

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), [joao.alcimo@uece.br](mailto:joao.alcimo@uece.br).

realização de concurso vestibular, em janeiro de 1995; a realização de concurso de provas e títulos para professores, em março de 1995 (LIMA, 1999).

No decorrer de sua história, o CECITEC tem suscitado debates sobre o seu papel, como instituição universitária, no contexto do desenvolvimento microrregional e, em especial, nos processos educacionais. Destarte, faz-se necessário que se preserve a memória referente às manifestações explícitas e discretas, aos embates políticos e procedimentos administrativos, ao sentimento coletivo e à participação dos múltiplos agentes históricos, que resultaram na conquista dessa obra educacional.

Esta pesquisa teve como objetivo central a análise da constituição e do perfil das primeiras turmas de estudantes do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), tendo os seguintes desdobramentos de investigação: levantamento da dimensão socioeconômica dos alunos, incluindo sua inserção ou não no mundo do trabalho na época de seus ingressos na IES; identificação de traços característicos da turma, como a média de idade, índices de evasão e nível de participação nas atividades do Centro, estabelecendo parâmetros comparativos com outras gerações de alunos; análise das razões da opção pelos cursos de graduação disponibilizados, com ênfase para as questões de gênero; estudo do processo de interiorização universitária liderado pela UECE.

Para a fundamentação teórica das questões relacionadas ao objeto de estudo e análise dos fenômenos a ele subjacentes, recorreu-se a um conjunto de autores, tais como: Petrola (1993), Cartibani (2003), Lima (2003), no estudo sobre a dimensão histórica e o papel das universidades e acerca da interiorização universitária; Zabalza (2004), Silva (2011) e Ristoff (jul./dez. 2013) na análise dos perfis dos estudantes universitários; Petrola (1993), Lima (1999) e Araújo e Lima (2005), no aprofundamento da política de interiorização da UECE e do processo de fundação da referida Unidade Acadêmica; Mesquita (out. 2003), na compreensão dos movimentos protagonizados e/ou apoiados por estudantes universitários.

## **METODOLOGIA**

Em termos metodológicos, recorreu-se a uma abordagem qualitativa, por meio da associação entre três tipos de pesquisa: bibliográfica, documental e de campo (levantamento). Destarte, utilizou-se como material para consulta, publicações periódicas, avulsas e diversas (fontes bibliográficas); documentos oficiais, publicações administrativas e registros iconográficos (fontes documentais).

Além disso, foi realizado um levantamento de informações e opiniões, recorrendo-se, preferencialmente, à entrevista como técnica de interrogação. Todavia, em face de sua impossibilidade em alguns casos, fez-se o uso, também, de questionários com perguntas abertas. Adotou-se a forma parcialmente estruturada, que se guia “por pontos de interesse” que o pesquisador/entrevistador vai explorando no decorrer de seu uso (BARBOSA, 2001, p. 255).

Concebendo a relevância da utilização da fonte oral no percurso investigativo, para a escolha dos sujeitos foi considerado o segmento dos discentes que compuseram as turmas inaugurais dos primeiros cursos implantados: Ciências e Pedagogia.

Ressalte-se que a fonte oral, para além de propiciar informações, permite ao pesquisador “entrar no campo da história como um fiscal invisível ajudando a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e revelar o ‘tecido muscular ressecado’ que, quase sempre, é tudo o que tem em mãos” (SAMUEL, set. 1989/fev. 1990, p. 237). Alberti acrescenta: “[...] O que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (2004, p. 18-19).

Na dimensão temporal, a pesquisa fez um recorte do período que corresponde à gênese institucional da ideia à primeira fase das atividades do CECITEC, ou seja de 1993 a 1995. No entanto, a delimitação do tempo para efeito de definição das abordagens centrais não se estabeleceu como impeditiva para ultrapassagem dessa “fronteira”, considerando as demandas de contextualizações e de relações entre o tempo demarcado com períodos históricos anteriores e anos posteriores.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A proposta de implantar uma unidade de ensino superior no Sertão dos Inhamuns surgiu no contexto da política de interiorização universitária da Universidade Estadual do Ceará, que ganhou maior relevo no reitorado do professor Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola), no período de 1992 a 1996.

Paulo Petrola, no âmbito do projeto “Nova UECE”, que foi por ele encaminhado ao Governador cearense, em maio de 1992, “traçou diretrizes para a transformação da UECE em uma “Universidade Tecnológica para o Nordeste Semiárido” (PETROLA et al., 1993, p. 39-40). A interiorização universitária, embora possa ser concebida na subjacência do projeto “Nova UECE” e sob a óptica da totalidade institucional, não figura de forma explícita em suas

diretrizes. No entanto, Paulo Petrola apresentou uma agenda que estabeleceu 1993 como “o ano do ensino”, elencando, entre outras ações, a “solução “dos problemas que afetam o desempenho e a qualidade das Faculdades do Interior, capacitando-as para o melhor cumprimento de seus objetivos pedagógicos em suas respectivas áreas de atuação” (PETROLA et al., 1993, p. 30).

Ancorado no prisma de que uma universidade deve assumir um papel de vanguarda no sentido de se confrontar com os atrasos regionais em suas variadas dimensões, Paulo Petrola asseverou que:

Se não temos, na região, um Curso Superior, toda a juventude, a mais inteligente, a mais brilhante, é coagida, é obrigada, é forçada a emigrar. Vão fazer os cursos noutros locais e não voltam! Com ela vão as riquezas para outras regiões, as quais poderiam ser produzidas equitativamente. Permanecerão os que não têm as mesmas condições físicas, o mesmo ímpeto de vontade, de liderança (Apud UECE, 1995, p. 48-49).

Contribuindo com o debate, Moema Cartibani compreende que: “Quando instalada em determinada região, a instituição universitária ganha contornos socioespaciais pela incorporação do contexto local (econômico, político, cultural e histórico) nas funções que exerce” (2003, p. 3-4). Os “contornos socioespaciais” estão relacionados com o princípio da “liderança”, presente desde a gênese da universidade, denotando, com efeito, “a função estratégica concebida para si nos diferentes períodos e em distintas sociedades e culturas” (LIMA, 2003, p. 70).

Considerando o contexto local e sua liderança institucional, na fase que antecedeu o início de funcionamento do *Campus* de Tauá, a UECE, numa interface entre ensino e extensão, realizou o curso pré-vestibular, de outubro a dezembro de 1994. Este foi enaltecido por sua qualidade pelos primeiros alunos do CECITEC. Nesse sentido, José Wilton Gonçalves Martins (ex-aluno e primeiro presidente do centro acadêmico de Ciências) enfatiza que:

Foi o melhor cursinho que já foi ofertado para a Região dos Inhamuns. [...] Eu lembro que tinha feito um cursinho em Fortaleza, aproximadamente dois anos antes de acontecer o daqui [...]. Você sabe que esses professores de nome lá em Fortaleza, eram os professores que participavam do cursinho aqui. Nós podemos citar a Vera Lúcia Midéa, que era professora de Redação, o Hipólito [*Peixoto*], de Matemática, o Jadir [*Jucá*], da Química. Assim qualquer um dos nossos colegas quando conversávamos sobre esse cursinho sempre comentávamos a importância que ele teve (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005).

Referido “cursinho” atendeu a um público de 505 alunos, assim distribuídos de acordo com os municípios em que residiam: Tauá (346), Aiuaba (27), Arneiroz (2), Catarina (45), Parambu (63) e Quiterianópolis (22). Cabe enfatizar que para os estudantes provenientes dos

municípios fora da sede do CECITEC, as prefeituras contribuíram com o apoio do transporte para seus deslocamentos.

Pode-se inferir que o curso pré-vestibular conseguiu catalisar três fatores que se revelaram necessários para o êxito do projeto: a mobilização, a motivação e a preparação do público alvo (possíveis candidatos a ingressarem nos cursos de graduação). A fala de José Wilton Gonçalves Martins acerca da qualidade das aulas preparatórias para o vestibular ratifica a versão de publicações jornalísticas (UECE, out. 1994; FOLHA DOS INHAMUNS, nov. 1994) e de documentos da própria Universidade (UECE, 1995; UECE, 14 ago. 1995).

Para se ter uma melhor dimensão de seu impacto, dos 89 vestibulandos aprovados para a formação das primeiras turmas de universitários, 69 (ou seja, 77,53%) fizeram o aludido curso preparatório. Em se tratando de um vestibular eliminatório, cuja aprovação exigia pelo menos 30% de acertos em cada prova, essa etapa preparatória caracterizou-se como estratégica, principalmente, considerando que em face da existência de uma “demanda reprimida”, muitos dos possíveis vestibulandos tinham concluído o ensino médio há vários anos.

A demanda reprimida está refletida na média de idade dos primeiros alunos do CECITEC. De acordo com o levantamento realizado por seu controle acadêmico, a idade média dos 87 alunos matriculados, em janeiro de 1995, era de 26,4 anos. Essa realidade foi bastante alterada 24 anos depois, haja vista que em janeiro de 2019, os 77 calouros tinham em média 18,8 anos.

A criação de uma unidade acadêmica na microrregião dos Inhamuns (no sudoeste cearense) processou-se, com efeito, sob a óptica da importância da descentralização da Universidade, com impactos na ampliação das oportunidades e na formação em nível superior daqueles que não têm condições financeiras de se deslocarem para outros centros urbanos. O CECITEC constituiu-se, portanto, como a primeira instituição de ensino superior implantada na aludida circunscrição.

Maria Lúcia Oliveira Chaves e Maria da Penha Oliveira Chaves (ex-alunas do CECITEC), ratificam que “antes da criação do Cecitec, um curso universitário era privilégio de pessoas com renda elevada que podiam colocar seus filhos nos grandes centros” (1 jun. 1997, p. 4). Em que pese ao fato de, nas últimas duas décadas e, principalmente, a partir de meados da primeira década do século XXI, ter havido uma significativa ampliação de cursos superiores públicos e privados no País, Ristoff constata que: “[...] persiste uma expressiva distorção de natureza socioeconômica no campus brasileiro, pois há nele 18% a menos de pessoas da faixa de renda mais baixa do que na sociedade” (jul./dez. 2013, p. 12).

Um conjunto de fatos, como a obtenção da sede própria, a solenidade oficial de implantação, a realização do curso pré-vestibular e o lançamento do edital para o vestibular, foi determinante para a credibilidade do projeto de implantação do CECITEC, na ambiência interna e externa. Tratavam-se de sinalizações concretas de que o *Campus* de Tauá passaria da idealização para o estágio da concretude.

O vestibular 1995.1, em Tauá, registrou um número de 277 inscritos para as 160 vagas ofertadas, ficando a concorrência em 1,73 candidatos por vaga. As vagas foram assim distribuídas: 40 para Pedagogia (manhã), 40 para Ciências (manhã), 40 para Pedagogia (noite) e 40 para Ciências (noite) (UECE, 14 ago. 1995).

Em seguida, foram aprovados 89 vestibulandos, sendo 13 para Pedagogia (manhã), 16 para Ciências (manhã), 25 para Pedagogia (noite) e 35 para Ciências (noite). Embora o índice de aprovação na proporção dos inscritos tenha ficado em 32,13%, o jornalista Rubens Frota, à época, fez o seguinte comentário: “Uma tristeza o resultado do vestibular realizado em janeiro último [...] no campus avançado dos Inhamuns. O nível dos candidatos e o número de inscritos foi tão pequeno que não preencheram as vagas [...]” (8 fev. 1995, p. 11/A). Por outro lado, a UECE (1995, p.17) justificou que esse número de inscritos não foi maior “por incapacidade das escolas de 2º grau de fornecerem, em tempo, os documentos exigidos”.

Cabe frisar que, para além de Tauá, o não preenchimento da totalidade das vagas ofertadas por vários cursos nos vestibulares na década de 1990 ou, mais ainda, a grande quantidade de vagas que ficavam ociosas, tratava-se de uma questão sintomática decorrente de vários fatores, incluindo a questionável qualidade do ensino na educação básica.

Outro aspecto que requer atenção é o fato de ter havido uma maior concentração de inscritos e aprovados nas vagas ofertadas para o turno noturno. Ao todo, foram inscritos 101 (36,46% do total) candidatos para os cursos no horário matutino, enquanto 176 (63,54% do total) concorreram para os cursos noturnos. Entre os aprovados, 29 (32,58% do total) foram das turmas matutinas e 60 (67,42%) das turmas cujo funcionamento foi ofertado à noite. Ou seja, cerca de dois terços dos inscritos e aprovados optaram pelo horário noturno. Trata-se de um sintoma histórico da educação superior brasileira, que representa a realidade de muitos universitários que já iniciaram sua vida laboral ou estão em busca de um ofício. No caso específico do CECITEC, constatou-se no semestre de ingresso que um percentual expressivo (37,9%) de seus primeiros universitários já trabalhava na docência da educação básica, com seus expedientes sendo cumpridos, para a grande maioria, no período diurno. Esse percentual foi elevado para mais de 80% entre os que se graduaram em fevereiro de 1999 (LIMA, 1999, p. 58).

Mais de dez anos após a criação do Centro em tela, Ristoff destaca que de acordo com os dados do Questionário Socioeconômico (QSE) do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), do ciclo 2007, 2008 e 2009, “56% dos estudantes brasileiros trabalham e estudam” (jul./dez. 2003, p. 17).

Sobre a opção por um dos cursos, Maria Lourdes Nonato dos Santos (ex-aluna) justifica que preferiu o curso de Pedagogia, porque “já tinha experiência no magistério e queria se aprimorar tanto no sentido profissional como pessoal” (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005). Muito embora, haja casos em que a opção por Pedagogia tenha se realizado por falta de outras ofertas, há depoimentos de alunos de que na medida em que cursaram as primeiras unidades curriculares foram gradativamente se identificando com o curso. Assim relata Amélia Lira de Farias (ex-aluna):

Eu concorri para o curso de Pedagogia. Inicialmente eu participei desse curso porque Ciências não tinha nada a ver comigo e, Pedagogia, também assim no começo, foi falta de opção, mas com o desenrolar do processo, com a continuação dos estudos eu vi que só tinha a ver, que eu tinha escolhido um curso muito bom e por sinal eu me sinto muito gratificada por ter feito essa escolha (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005).

Em torno dos vestibulandos que optaram pelo curso de Ciências, segundo os depoimentos, predominou, também, a existência de uma maior identificação por parte deles com as áreas de Matemática, Física, Química e Biologia, quando postas em comparação com a licenciatura de Pedagogia. Seguindo essa linha de raciocínio, observemos o depoimento de José Wilton Gonçalves Martins:

Concorri para o curso de Ciências tendo em vista a questão de ser uma área mais ligada à parte exata, à Matemática, à Física, à Química e, principalmente, à Biologia, que era a minha atração maior. [...] Então eu nem tive dúvida quando foi para fazer a escolha. Claro tenho admiração, vejo a importância do curso de Pedagogia; no entanto, não tive nenhuma dúvida em fazer a minha escolha por Ciências. Porque assim eu acho que é muito de cada pessoa, eu me identifico bem mais com a área de Ciências (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005).

Recorrendo a Zabalza (2004), a “adulterez” como traço peculiar dos estudantes universitários, não obstante as limitações impostas pelas estruturas disponibilizadas e pelas condições socioeconômicas, favorece esse processo de escolha e as decisões tomadas no percurso de sua formação acadêmica.

Convergindo com a dissertação de mestrado de Kelly da Silva (2011), na qual ela investiga as relações de gênero no âmbito do curso de Pedagogia, este, em Tauá, registrou, em

seu primeiro vestibular, 100% entre os aprovados e 95,27% entre os inscritos de predominância feminina. Suscitando a questão:

[...] sabemos que, historicamente, as mulheres são maioria no curso de Pedagogia e, por isso, a trajetória de construção social do magistério enquanto profissão pensada para mulheres necessita ser questionada. Em minha turma de Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa (2003), por exemplo, composta por 60 estudantes, 57 eram mulheres; com isso este questionamento tem um porquê (SILVA, 2011, p. 29).

.....  
A profissão docente permitiu às mulheres o acesso a um dos espaços públicos anteriormente frequentado pelos homens. No entanto, essa profissão vai ser representada como similar ao trabalho no lar: o cuidar das crianças. Essa concepção é utilizada para naturalizar/reforçar o magistério, especialmente das séries iniciais, como uma profissão feminina (SILVA, 2011, p. 34).

Nos depoimentos das ex-alunas, foi destacada a convivência respeitosa e colaborativa entre os dois cursos, mas que o universo exclusivamente feminino da primeira turma de Pedagogia suscitou-lhes brincadeiras com a rotulação de “florzinhas”, consideradas amigáveis por parte das entrevistadas. No âmago desse rótulo está também a compreensão, naturalizada no percurso histórico, de que o referido curso tem um perfil eminentemente feminino. Por outro lado, verificou-se na primeira turma de Ciências, que de seus 51 alunos aprovados no vestibular, a maioria era do sexo masculino (56,86%).

Outro traço de identificação da turma pioneira em pauta foi o nível de participação da maioria dos alunos com as ações do Centro recém-implantado. Ao ser concebido como um segmento estratégico, diretamente interessado e como força endógena para se associar em diversas ações na fase de instalação e etapas posteriores do CECITEC, o corpo discente foi receptivo ao chamamento da direção e teve participação destacada e colaborativa. A propósito, em 1995 foram realizadas várias reuniões entre o titular do *Campus* e os representantes do incipiente movimento estudantil (UECE, dez. 1995).

Vê-se, portanto, a face do movimento estudantil (M.E.), que, sem perder a visão do contexto sociopolítico, se envolve diretamente em pautas locais relacionadas a interesses educacionais. A deflagração de lutas em microespaços não imprime ao M.E. um perfil de reducionismo, mas caracteriza sua natureza pluralista subjacente à sua história. Nesse sentido, Mesquita comenta que este “não se limita a suas organizações estudantis e formais, mas se manifesta na própria dinâmica de criação de interesses e pautas”, que “pode ser capaz de mobilizar os estudantes” (out. 2003, p. 120).

Outra questão que merece consideração foi abordada por Fonteles: “Os problemas relacionados à repetência e à evasão escolar vêm declinando, sobretudo nas licenciaturas [...]

Conseqüentemente, a redução desses índices vem garantindo um aumento de 20% do total de graduados pela UECE a cada semestre” (fev. 1999, p. 3). No caso específico do CECITEC, dos 87 alunos matriculados em 1995.1, não houve evasão durante o primeiro semestre, enquanto no quarto período o índice ficou abaixo de 10% (TRIBUNA DO CEARÁ, 19 jun. 1997).

O índice de permanência dos alunos, somado à reduzida taxa de reprovação, repercutiram diretamente na primeira solenidade de colação de grau do Centro, realizada em 26 de fevereiro de 1999, que registrou a quantidade de 50 concludentes, o que representa 57,47% dos que haviam se matriculado quatro anos atrás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se na pesquisa que os primeiros alunos do Campus da UECE de Tauá, em face da demanda reprimida na microrregião por cursos universitários, eram detentores de uma média de idade superior às turmas das gerações futuras que ingressaram nesta IES. Além desse aspecto, outros traços identitários, como as questões de gênero na definição da escolha dos cursos, a elevada taxa de aprovação nas disciplinas e o fato de parte significativa dos discentes já atuarem à época no magistério, compuseram o seu perfil.

O CECITEC, a partir de sua turma pioneira, consolidou sua atuação na formação de professores, com oferta continuada e com repercussão constatada nas redes de ensino de sua área de abrangência (o Sertão dos Inhamuns). No entanto, há outras inserções e contribuições do CECITEC, que se coadunam com os valores históricos/universais e a missão regional da Universidade, por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, no campo administrativo e na colaboração técnica exercida em suas parcerias com outras instituições públicas e órgãos não governamentais. Evidencia-se, com efeito, a relação entre a dimensão “universal” e a “regional” (MARTINS FILHO, 1966) e o espírito plural da instituição universitária (CHAUÍ, 2 sem. 1993).

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 196p.
- ARAÚJO, A. A.; LIMA, J. Á. V. **O processo de criação do CECITEC no âmbito da política de interiorização da Universidade Estadual do Ceará**. Tauá, CE, 2005. 96. (Relatório de projeto de pesquisa).
- BARBOSA, A. P. L. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2001. 462p.

CARTIBANI, M. **Universidade e Região: O papel das universidades estaduais da Bahia.** In: XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. São Luís: UFMA, 2003. p. 3-4.

CHAUÍ, M. Vocação política e voca o científica da universidade. **Educa o Brasileira** – Revista do CRUB, Brasília, v. 15, n. 31, p. 11-26, 2. sem. 1993.

CHAVES, M. L. O.; CHAVES, M. P. O. Cecitec: um referencial nos Inhamuns. **O Povo**, Fortaleza, 1 jan. 1997. Jornal do Leitor, p. 4.

LIMA, J.  . V. **Gestão acadêmica na UECE e interioriza o:** a experiência do CECITEC. 1999, 102f. Monografia (Especializa o em Gestão Escolar) – UECE, Tauá, CE, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gestão e autonomia universitária:** a experiência da UECE. Fortaleza: UECE, 2003. 216p.

MARTINS FILHO, A. **O Universal pelo Regional.** 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. 332p.

MESQUITA, M. R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na  tica dos novos movimentos sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, out. 2003. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/sexce8>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

FONTELES, M. C. A política de interioriza o da UECE. **O Kinamui **, Tauá, CE, p. 3, fev. 1999.

FOLHA DOS INHAMUNS. **Universidade chega aos Inhamuns.** Tauá, CE, nov. 1994, p. 1, 9.

FROTA, R. Uma tristeza o resultado... **O Povo**, Fortaleza, 8 fev. 1995. Coluna O Povo nos Municípios, p. 11/A.

PETROLA, P. Diretrizes para transforma o da UECE numa Universidade Tecnológica. In: \_\_\_\_\_ et al. **Universidade Tecnológica para Nordeste Semiárido:** Projeto Nova UECE. Fortaleza: UECE, 1993. p. 33-50.

RISTOFF, D. I. **Perfil socioecon mico do estudante de gradua o:** uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). Rio de Janeiro: Flacso/Brasil – Cadernos do GEA, n. 4, jul./dez. 2013. 33p.

SAMUEL, R. História local e História oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SILVA, K. **Currículo, g nero e identidade na forma o de professores/as.** 2011, 195f. Disserta o (Mestrado em Educa o) – UFJF, Juiz de Fora, MG, 2011.

TRIBUNA DO CEARÁ. **UECE – Centro de Tauá registra a menor taxa de evasão.** Fortaleza, 19 jun. 1997. Caderno A, p. 11.

UECE. Pr -Universitário da UECE em Tauá. **UECE Notícias**, Fortaleza, n. 8, out. 1994.

\_\_\_\_\_. **Projeto: Centro de Educa o, Ciências e Tecnologia – Região dos Inhamuns – CECITEC.** Fortaleza, 1995. 51p.

\_\_\_\_\_. CECITEC. **Of. 068/95-GD.** Tauá, CE, 14 ago. 1995.

\_\_\_\_\_. CECITEC. **Relatório de atividades (junho – dezembro / 95).** Tauá, CE, dez. 1995. 17p.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário:** seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004. 239p.